



UM OLHAR SOBRE O
DIÁLOGO INTER-
RELIGIOSO NUM
ASSENTAMENTO RURAL
DO MST NO MUNICÍPIO
DE SANTA TERESA-ES

Antonia Maris Fadini Galvão Abreu
Mestranda em Ciências das Religiões pela
Faculdade Unida

RESUMO

Este ensaio se baseia numa pesquisa realizada em um assentamento rural no município de Santa Teresa/ES e visa conhecer como se comporta o fenômeno religioso no processo histórico de estruturação do assentamento e como se dão as relações entre os sujeitos e seus grupos sociais, considerando-se a trajetória histórica, o cotidiano, as formas de socialização e o movimento de lutas nesse assentamento. A pesquisa revela que, no Vale da Esperança, as vivências do cotidiano são construídas com base na prática ecumênica. Relatamos inúmeras falas e depoimentos sobre a importância do bom relacionamento entre as duas igrejas (Assembleia de Deus e Católica) como motivadoras da harmonia na construção da comunidade. Como dizem com frequência: “Somos todos filhos de Deus”.

Palavras-Chave: Assentamento, Religião, Ecumenismo, Diálogo Inter-Religioso.

INTRODUÇÃO

O assentamento Tomazzini, chamado pelos moradores de Vale da Esperança, é resultante de uma série de ocupações realizadas pelo Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST)¹ do Espírito Santo. O período de 1995 a 1997 foi marcado, na história do Estado, por intensas lutas e conflitos na busca da sonhada *terra prometida*. Essa construção está centrada na dinâmica de ações em que os trabalhadores sem terra realizam ocupações e fazem acampamentos. Na luta pela terra, acampar é construir um barraco de *lona preta*, fato que representa um ato político de conquista pela terra. É a ação para transformar a realidade. De acordo com Fernandes², um militante do MST não se caracteriza por um desafio isolado, individual, mas sim de um sentimento coletivo. Quando os Sem-Terra tomam a decisão de acampar, estão questionando o modelo político que os exclui da condição de cidadãos. O acampamento se constitui em um espaço marcado por grandes desafios, perpassando por diversos conflitos que

¹ MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra que surge na década de 80 sendo integrado e constituído pelo movimento das pastorais da Igreja Católica embasados na Teologia da Libertação.

² FERNANDES, Bernardo Mançano. *A Formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.19

abrangem o econômico, o político e o social. Conquistar a terra se constitui em uma tarefa muito desafiadora à categoria de militante. A luta pela terra coloca os sujeitos sociais na condição de acampados e, nesse momento, o que se vive é o transitório. Não há muito que escolher. A luta proporcionaria aos indivíduos a condição de iguais, juntos, unidos em busca da *terra prometida*.

ASSENTAMENTOS MST

O assentamento representa não só o ponto de chegada, mas também o ponto do recomeço. Recomeço que se caracteriza pelo enfrentamento de entraves complexos que, somente ao longo do tempo, vão sendo contornados. Assim as conquistas vão surgindo. A terra é o item essencial na luta pela Reforma Agrária, mas ela só não basta. É necessário conquistar outros direitos como educação, saúde, lazer, cultura, respeito ao gênero, infraestrutura, política agrícola, tecnologia, etc. No Vale da Esperança, todos esses desafios vêm sendo enfrentados com muita determinação.

As famílias que compõem um assentamento caracterizam-se por possuir tradições diferenciadas culturalmente, socialmente e economicamente. No Vale da Esperança não é diferente. Observamos que essas diferenças não impediram que o projeto maior de cada um se realizasse. Projeto esse configurado na permanência e estruturação daquele local como um *espaço sagrado*.

Os espaços ocupados pelo homem vão além de espaços físicos de um território. Para Eliade³, “O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, e o modo de ser sagrado e profano

³ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e Profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins fontes, 2001, p. 20.

dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos”.

Os assentamentos rurais são constituídos por militantes oriundos do campesinato brasileiro. Esses sujeitos sociais, na grande maioria das vezes, são homens e mulheres detentores de uma tradição histórico-social que tem por alicerce a religiosidade. De acordo com Bittencourt⁴, a matriz religiosa brasileira correlaciona-se historicamente com a miscigenação, o sincretismo, a modernização e com os diferentes estágios da nossa História Econômica.

Assim se configura o assentado rural oriundo desse: processo histórico: um homem marcado pela religiosidade. Já foi observado que em assentamentos rurais a presença do espaço sagrado muitas vezes se faz antes da edificação das residências fato que evidencia a prática do militante como um homem religioso. A Cartilha Construindo o Caminho⁵ aponta que uma religião não é melhor que a outra, mas pode buscar uma maior coerência com o Deus da vida e da justiça. Nosso desafio é fazer com que as religiões dos assentamentos assumam a sua face libertadora.

No Vale da Esperança, a preocupação com o espaço sagrado se deu desde a chegada dos assentados no local. De acordo com relatos feitos por uma por uma senhora de igreja evangélica em seu diário de campo, esta afirmou: “Olha nós nunca deixamos de se juntar para fazer os nossos encontros até mesmo no acampamento a gente tinha uma barraca de lona onde íamos fazer nossos cultos”. Esse fato também foi observado nas conversas feitas com os católicos. Falas como: “Só Deus e Nossa Senhora é que dão força pra gente resistir, foi mesmo Deus que trouxe agente aqui” comprovam a religiosidade

⁴ BITTENCOURT Filho, José. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. (Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. 260 p.) p. 19.

⁵ Cartilha Construindo o Caminho, MST, p. 99.

presente. Verificamos, após as inúmeras visitas, indagações e conversas, que seria possível assinalar o assentamento como um local onde a presença da religião é comum na grande maioria dos moradores.

ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO VALE DA ESPERANÇA

Atualmente as denominações religiosas do assentamento são a Igreja Assembleia de Deus e a Católica, ambas com templos construídos e com uma intensa atividade: cultos, círculos bíblicos, catequese, eventos comemorativos (...), compõem o dia a dia do desenvolvimento político social da comunidade do Vale da Esperança.

Durante todas as visitas que fizemos ao *locus* da pesquisa, empenhamo-nos com um olhar de pesquisador sobre a temática do diálogo inter-religioso. Observamos quantas são as limitações e como são árduas as lutas para que seja possível uma atitude macroecumênica, como colocam os cientistas estudiosos do assunto. Dentro desta proposta, tentamos identificar se existiam, nas denominações religiosas existentes no assentamento, atitudes com relevância na temática.

Ecumenismo vem do grego (OIKÓS), que significa casa. A palavra menismo (MENEN) também vem do grego e significa habitação, convívio. Existem palavras usadas em nosso vocabulário com a mesma raiz, ecologia, ecossistema, economia e ética.

Gottfried Brakemeier⁶, em seu livro “Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz”, trabalha a questão do ecumenismo, colocando que este deveria abrir suas portas para um ecumenismo integral, incluindo segmentos sociais tradicionalmente marginalizados da sociedade, rompendo com o “ecumenismo de consenso” das

⁶ BRAKEMEIER, Gottfried. Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz. Um curso de ecumenismo. São Paulo, ASTE. 2004.

igrejas cristãs, o que, no entender de muitos, seria a prática ecumênica no esforço por converter o outro à própria posição, seria a “ideia do ecumenismo de retorno”⁷ para um “ecumenismo prático”, chamado de ecumenismo da justiça, compondo a visão do “macroecumenismo”.

Para Brakemeier, macroecumenismo consiste num movimento de tolerância e união entre as diversas religiões, o qual revela a permanência da ideia plural da não existência de verdades absolutas, sugerindo-se a aceitação das verdades das várias religiões, ou seja:

O ecumenismo exige o engajamento, o compromisso. A base do ecumenismo já não é o consenso numa doutrina, e sim o pacto. Na América Latina se fala em “opção”, sendo que os pactos feitos nessa base reúnem outro público do que os consensos na doutrina. São em primeiro lugar os próprios atingidos por injustiça, guerra ou destruição do meio ambiente, os que vão se empenhar na luta. E serão, em segundo lugar, todos e todas que com eles se solidarizarem, sejam católicos, protestantes, cristãos ou não cristãos. (BRAKEMEIER p. 86-87)⁸

Brakemeier⁹ e Sinner¹⁰ defendem a prática da “atitude ecumênica” que se distancia dos discursos fictícios. Para os autores, a atitude ecumênica é fundamental para o projeto ecumênico. Enfatizam que essa atitude se encontra presente nas redes de companheirismo e de hospitalidade prática, configurando-se nas ações dos indivíduos, gerando uma atitude interpessoal, que se revela, em vivências que estão desvinculadas de determinações institucionais.

Uma prática ecumênica consiste em ouvir o outro e estar aberto ao diálogo e a contribuir, se for possível, com o vislumbrar de possibilidades e ações transformadoras da realidade social. A prática ecumênica está além do seu auto-julgamento sobre quem é o outro, respeito mútuo é necessário para a superação de conflitos, É preciso

⁷ BRAKEMEIER, p.82

⁸ BRAKEMEIER, p. 86-87

⁹ BRAKEMEIER, p. 77-87

¹⁰ SINNER, Rudolf Von. (organizador) Missão e Ecumenismo na América Latina . São Leopoldo: Sinodal . 2009, p. 102 -107.

entender que atualmente as pessoas podem escolher a religião a que vão aderir, e cabe à sociedade respeitar a liberdade de expressão religiosa.

Para Hans Kung¹¹, o termo ecumênico refere-se a uma atitude inter-religiosa, marcada pelo diálogo e respeito entre as diferentes manifestações religiosas. Ele sustenta a possibilidade de paz no mundo partindo do princípio de que, para que ela exista, será necessária a paz entre as religiões. É necessário que as religiões vivam um autêntico ecumenismo vislumbrado por um consenso de valores e princípios humanizantes. Esse diálogo com espírito de abertura deve estender-se também aos não-crentes e a todas as organizações sociais e políticas, priorizando um projeto capaz de manter viva a esperança e garantir o cuidado pela vida.

Brakemeier¹² aborda a importância do diálogo inter-religioso, que não deve exigir das religiões a renúncia à exclusividade e, sim, a abertura para a aprendizagem. Ele deve aproximar as religiões, pois, mesmo não sendo capaz de eliminar as diferenças, vai criar uma familiaridade macroecumênica que surge na América Latina com tendências a uma abertura para um ecumenismo integral que aborde traços culturais ou "*ecumene de justiça*" orientado na busca comum ao reino de Deus.

A religiosidade e as vivências cotidianas do Vale da Esperança revelam um diálogo ecumênico existente entre os atores sociais, colocado, em inúmeras falas e depoimentos sobre a importância do bom relacionamento entre as duas igrejas para que haja uma harmonia na construção da comunidade. Como dizem com frequência: "Somos todos filhos de Deus". O cotidiano desses atores sociais se compõe de

¹¹ KUNG, Hans. Uma Ética de Sobrevivência. P. 90-93. Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710445_09_cap_03.pdf. Acessado em 31/03/14

¹² BRAKEMEIER, p. 113-122

uma prática de convivência com atitudes reveladoras de harmonia e preocupação com os integrantes da comunidade independente da sua crença religiosa. Em uma conversa com uma senhora evangélica que relatou: “Todas as religiões são importantes pode até surgir outra aqui e vai ser bem recebida, tinha uma família que ia fundar outra igreja, mas eles resolveram ir embora, se tivesse ficado também teria lugar pra eles o que importa é a gente viver bem ajudando nossos irmãos”. (fragmento diário de campo 22/09/2013).

Registramos que é possível que a preocupação e o cuidado com o outro sejam o resultado da luta em que todos se envolvem para realizar suas conquistas, sejam elas pessoais ou coletivas. O convívio com a comunidade nos faz crer que os indivíduos ali presentes, com suas atividades rotineiras, muitas vezes reveladoras de práticas ecumênicas, ajudam na construção daquele espaço social. Observamos, em várias situações, que, diante das intempéries do dia-a-dia, estão sempre dispostos a se auxiliar. Sobre o cuidado com o outro, Boff¹³ coloca que “Cuidar do outro é zelar para que haja um diálogo libertador e construtor de uma aliança de paz e de amor, pois o outro se encontra no mesmo chão comum da humanidade. Homens e mulheres realizam em seu modo singular a essência humana, abissal e misteriosa”.

Relatamos inúmeras falas e depoimentos sobre a importância do bom relacionamento entre as duas igrejas para que haja uma harmonia na construção da comunidade. A abertura ao diálogo religioso fica explícita em falas como a que registramos:

Aqui a gente não tem estas coisas não... Se um irmão da gente precisar, a gente ajuda... Não importa se é católico ou evangélico.

¹³ BOFF, Leonardo; BETTO, Frei; BOGO, Ademar. *Valores de Uma Prática Militante*. Cartilha Nº 09, São Paulo: consulta Popular, 2000, p. 17

Essa fala foi feita por um assentado católico, que, na festa de aniversário do assentamento, estava fazendo uma lista de doações para ajudar o pai de uma assentada evangélica o qual estava doente. (fragmento diário de campo 29/09/2013).

Entendemos que a atitude do assentado de “ajudar” refere-se à prática da *caridade*, uma característica marcante do brasileiro. Mas a observação nos faz relatar que o convívio entre as religiões no Vale da Esperança está além desse paradigma, pois ela não se faz de forma sazonal. Ela se constrói diariamente, com as relações do cotidiano. Os laços de amizade revelam-se fortes, e os rotineiros conflitos existentes entre religiões, característicos da intolerância religiosa, não se expressam naquela comunidade. A relação de respeito se faz presente e registrada em vários momentos e práticas de convívio.

O cotidiano desses atores sociais se compõe de uma prática de convivência com atitudes reveladoras de harmonia e preocupação com os integrantes da comunidade, independente da sua crença religiosa. Em uma conversa com uma senhora evangélica, esta relatou:

A religião é tudo daqui ela ajudou até a acabar com um pouco da discriminação, os *outros vêem a gente como gente*, porque sem a fé não somos nada. Cada um segue sua fé e o que importa é a gente viver bem ajudando nossos irmãos. (fragmento diário de campo 22/09/2013).

Entendemos, nessa fala, que existe um respeito à crença dos atores sociais, revelando que não há motivos para a intolerância, como dizem: “O importante é respeitar os outros e viver *bem*”. Essa receptividade se faz presente também em outras dinâmicas de atividades do assentamento que atualmente se faz palco de visitas de escolas, pesquisadores e comunidades vizinhas, para compreender a dinâmica de funcionamento do assentamento. Todos são sempre

recebidos com muita atenção e carinho. O assentamento Vale da Esperança se revela uma comunidade aberta a inovações.

A preocupação com o *bem-estar* dos outros, frequente no Vale da Esperança, configura um ato solidário. Skorka¹⁴ aponta que a solidariedade não seja espasmódica, mas cotidiana, vivencial nos fatos pequenos, no que ninguém vê no que não vai sair nos jornais nem na tevê, mas que nos faz irmãos de carne e cria uma harmonia na sociedade.

A tradição religiosa do homem rural se faz presente no Vale da Esperança. O ato de construir e reconstruir os espaços exige um longo aprendizado, revelando novos traços culturais que se refazem com a manutenção de antigos costumes. A manutenção da tradição religiosa no *locus* da pesquisa articula-se com o desenvolvimento político, social e econômico, pois a diálogo entre as religiões revela-se em atitudes macroecumênicas construtoras do novo espaço social.

REFERÊNCIAS

- BERGOGLIO, Jorge Mario. *A solidariedade*. Tradução Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Saraiva, 2013.
- BITTENCOURT Filho, José. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.
- BOFF, Leonardo; BETTO, Frei; BOGO; Ademar. *Valores de Uma Prática Militante*. Cartilha n.09, São Paulo: consulta Popular, 2000.
- Cartilha Construindo o Caminho, MST.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *A Formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e Profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins fontes, 2001. P. 20.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz*. Um curso de ecumenismo. São Paulo, ASTE. 2004.

¹⁴ BERGOGLIO, Jorge Mario, 1936- *A solidariedade/* Jorge Mário Bergoglio, Abraham Skorka, Marcelo Figueroa; tradução Sandra Martha Dolinsky. 1ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013. P. 22-23.

KUNG, Hans. *Uma Ética de Sobrevivência*. Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710445_09_cap_03.pdf. Acessado em 31/03/14.

SINNER, Rudolf Von. (Org.) *Missão e Ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

Antonia Maris Fadini Galvão Abreu
Mestranda em Ciências das Religiões (UNIDA)

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABREU, Antonia Maris Fadini Galvão. “Um olhar sobre o diálogo inter-religioso num assentamento rural do MST no município de Santa Teresa-ES”. *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 2, jul.-dez., 2014, p. 116-125. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.